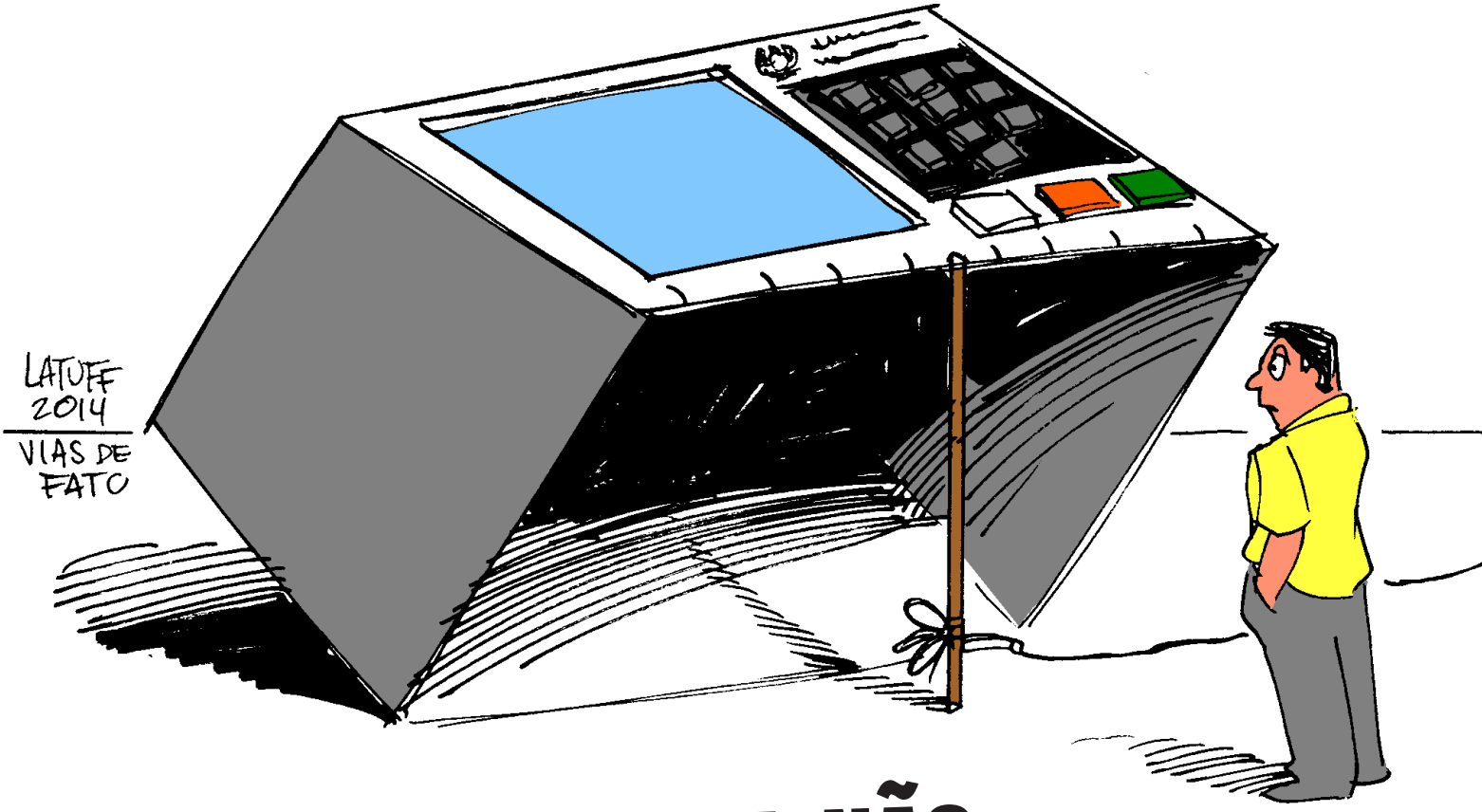
BOLETIM INTERNACIONAL REVOLUÇÃO BRASILEIRA
Número #05 Outubro/2020
URC
UNIÃO RECONSTRUÇÃO COMUNISTA



A FARSA ELEITORAL NÃO SERÁ A SOLUÇÃO PARA O POVO

Em novembro de 2020, serão realizadas no Brasil as eleições municipais para os cargos de prefeito e vereador. São as primeiras eleições desde as eleições presidenciais de 2018, que levaram Jair Bolsonaro à presidência do país.

Ainda que diversos setores da reação brasileira façam apelos ao povo para que "valorize o direito ao voto" e "eleja políticos responsáveis", as massas trabalhadoras sabem muito bem que as eleições burguesas não trarão soluções para seus problemas. Os índices de abstenção eleitoral, votos nulos e brancos não param de subir eleição após eleição.

O Brasil está mergulhado em uma profunda depressão econômica desde o ano de 2014. São seis anos de desemprego e miséria permanentes para o povo brasileiro. Já estamos no quarto pleito eleitoral desde então, com toda sorte de politiqueiros e demagogos mentindo para o povo, dizendo que uma vez eleitos, trarão melhorias para as condições de vida das massas trabalhadoras. A despeito de todas as promessas de mudança, o que tivemos para o povo senão mais desemprego, mais exploração, mais opressão, mais fome e mais embrutecimento? Mesmo que o poder de compra das massas tenha desabado, o custo de vida disparou, e o trabalhador brasileiro se encontra, atualmente, muito mais pobre e oprimido.

Os reacionários culpam o próprio povo por esta situação. Dizem que o Brasil está assim pelo fato de as massas elegerem políticos corruptos e não saberem votar. Escondem o fato fundamental de que as eleições deste Estado burguês-latifundiário apenas existem para obscurecer quem realmente manda no país, para esconder que a coluna vertebral do poder da grande burguesia e dos latifundiários não é o parlamento, mas o braço armado, o monopólio da violência.

As eleições farsantes estão aí para obscurecer

as causas básicas dos problemas gritantes do povo brasileiro. Se o custo de vida disparou, qual dos candidatos das atuais eleições falará a verdade segundo a qual este problema tem como causa a dominação imperialista sobre o Brasil? Quem falará que, graças à dominação do capital estrangeiro sobre as linhas arteriais da vida econômica nacional, nosso país permanece vulnerável a disparadas de preços sempre que a cotação do dólar igualmente dispara?

Quem falará que, graças à dominação imperialista, as empresas estrangeiras, ao remeterem anualmente dezenas de bilhões de dólares de superlucros para suas matrizes no exterior, estão impedindo o Brasil de gerar milhões de empregos?

Quem dirá que, independentemente de quem vença as eleições, esta situação apenas se perpetuará enquanto as massas não levarem a cabo uma revolução democrático-nacional para derrubar seus opressores locais e estrangeiros?

São estas as verdades que precisamos trazer para as massas brasileiras neste momento de farsa eleitoral.

O caminho reformista para a oposição a Bolsonaro

Não é possível compreender a grave situação do Brasil, marcada pela crise econômica, ascensão da repressão e do fascismo, falta de orientação política revolucionária para as massas trabalhadoras e despolitização dos debates sobre os problemas candentes do país, sem entendermos também o papel cumprido pelos oportunistas, reformistas e revisionistas.

Graças às orientações políticas erradas e ao cretinismo parlamentar de partidos como PT ("Partido dos Trabalhadores"), PCdoB ("Partido Comunista do Brasil"), PSOL ("Partido Socialismo e Liberdade") e outros, a reação brasileira logrou impor sobre as massas trabalhadoras derrotas históricas, que possibilitaram à grande burguesia e aos latifundiários intensificar a exploração do povo e expandir seus lucros.

Mas que orientações políticas foram essas? Vejamos desde as eleições presidenciais de 2018, que marcaram a vitória de Jair Bolsonaro para a presidência.

As eleições de 2018 tiveram especificidades em relação às eleições anteriores por terem tido um caráter ainda mais farsesco, bem como pelo fato de os militares fascistas terem tido um papel de preponderância em blefar e fazerem ameaças abertas de golpe militar caso as urnas não apontassem para a vitória de Bolsonaro. Logo no início da campanha eleitoral, uma farsa judicial levou à prisão de Lula, candidato com a maior intenção de votos nas urnas, e colocou Bolsonaro no primeiro lugar das pesquisas. Ademais, abundavam denúncias de empresas que receberam pagamentos milionários para disparar massivamente fake news pelas redes sociais, beneficiando a candidatura de Bolsonaro.

Durante a campanha eleitoral, a emissora de televisão Rede Record deu exclusividade para Bolsonaro falar ao público, em detrimento de outros candidatos. Porém, nada foi feito pela "Justiça" brasileira. Os reacionários faziam questão de conduzir uma campanha de terror contra uma esquerda reformista e enfraquecida. Após a vitória de Bolsonaro no segundo turno das eleições, bandos reacionários bolsonaristas chegaram a atacar acampamentos do MST e até mesmo territórios de populações indígenas.

Contudo, o campo reformista encabeçado pelo PT, PCdoB e outros defendeu a "legitimidade" do pleito em um momento no qual o povo brasileiro se encontrava particularmente revoltado com a crise econômica e política. Assumiram o papel de "defensores do Estado Democrático de Direito". Bolsonaro, ao contrário, assumiu para si uma demagogia "anti-establishment".

Após Bolsonaro ter sido eleito, dirigentes reformistas fizeram chamados para que fossem "respeitados" os resultados das urnas, pois Bolsonaro teria sido "eleito pelo povo" (ainda que ele tenha sido eleito por apenas 1/3 dos eleitores, com os restantes 2/3 de votos dividindo-se entre Fernando Haddad e nulos, brancos e abstenções), e que o caminho para derrotá-lo consistiria em fazer uma oposição parlamentar e esperar as próximas eleições.

Na prática, o caminho dos reformistas consistiu em sabotar as lutas populares e torcer para que a crise econômica e as denúncias de corrupção enfraquecessem a popularidade de Bolsonaro e, assim, gerassem um ambiente para que seus partidos entrassem com pedidos de impeachment. Nada disso ocorreu, e os partidos reformistas seguem ainda profundamente desmoralizados. O caminho reformista e eleitoral não trará soluções para o povo brasileiro, nem derrotará o fascismo. É necessário que sigamos o novo caminho da formação de um campo político democrático e revolucionário, que coloque na ordem do dia a defesa da nacionalização do capital estrangeiro e da reforma agrária.

General Augusto Heleno admite espionagem da ABIN

O atual ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), Augusto Heleno, admitiu publicamente, em sua conta oficial no Twitter, que a Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) monitorou no exterior aqueles "maus brasileiros" – assim considerados pelo governo neocolonial de Bolsonaro – que participaram na Cúpula do Clima das Nações Unidas, realizada em Madrid, Espanha, em dezembro de 2019. Segundo o tresloucado ministro, a ABIN teria "competência legal" para atuar em "eventos no Brasil e no exterior" e continuou: "Temas estratégicos devem ser acompanhados por servidores qualificados, sobretudo quando envolvem campanhas internacionais sórdidas e mentirosas, apoiadas por maus brasileiros, com objetivo de prejudicar o Brasil".

O reconhecimento desse fato por parte de Augusto Heleno demonstra que os fascistas que atualmente administram o Estado brasileiro vão descaradamente promovendo o fechamento do regime político e aos poucos criando as condições para o estabelecimento de uma ditadura fascista no Brasil. A atuação política da ABIN não é segredo para ninguém, de modo que a "revelação" do desvairado general não surpreende aqueles que conhecem o verdadeiro caráter do Estado burguês -latifundiário brasileiro.

Mas quem é Augusto Heleno?

Augusto Heleno possui uma biografia peculiar. É um dos elementos mais reacionários do já reacionário governo Jair Bolsonaro. Como um dos feitos de sua longa carreira como serviçal do imperialismo norte-americano e carrasco das massas populares, mencionamos o massacre no Haiti: entre junho de 2004 a setembro de 2005, Augusto Heleno chefiou a tristemente conhecida "Operação Minustah", uma missão de "paz" criada com aval do Conselho de Segurança das Nações Unidas para "restaurar a ordem" no Haiti. O Brasil assumiria o cargo de país coordenador dessa missão. Heleno foi seu comandante militar e, durante este período, oprimiu duramente as massas haitianas a partir de sua liderança sobre o exército reacionário brasileiro e da "Minustah".

Ademais, o órgão atualmente comandado pelo reacionário Augusto Heleno, GSI, teve grande repercussão no ano de 2013, quando foi amplamente divulgado que funcionários ligados ao mesmo órgão estavam envolvidos no monitoramento e perseguição a ativistas que participaram dos massivos protestos que tomaram os centros urbanos brasileiros naquele ano. Os funcionários da GSI chegaram a utilizar até mesmo até mesmo redes sociais para monitorar organizações e se infiltrar nelas: isso ocorreu não somente com movimentos de massas urbanos, mas também com movimentos camponeses, a julgar pelas denúncias de monitoramento e perseguição ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Todavia, não será uma polícia secreta que dará pão para o povo brasileiro e o fará esquecer da fome que sente.

Não à repressão contra a Liga dos Camponeses Pobres!

Durante os últimos dias, a Liga dos Camponeses Pobres (LCP), importante movimento de massas ligado às lutas das populações rurais brasileiras, tem sido submetida a uma forte investida repressiva por parte da classe latifundiária e do governo reacionário brasileiro, com direito até mesmo a declarações abertas por parte de Jair Bolsonaro.

Recentemente, Jair Bolsonaro divulgou, em sua conta do Twitter, um vídeo no qual lavradores armados expulsavam policiais que estavam ameaçando suas famílias, apresentando a gravação como "prova" contra a LCP, tentando apresentar este movimento de massas como um grupo de "radicais" e "bandidos". Contudo, o vídeo nada tinha a ver com a LCP.

Profundamente ligada ao trabalho político e econômico com as massas rurais do estado de Rondônia, região norte do Brasil, a LCP organiza cerca de 600 famílias de camponeses sem-terra (2,4 mil pessoas) que, no distrito de Nova Mutum Paraná, município de Porto Velho, ocuparam em 2016 um grande latifúndio improdutivo de 57 mil hectares, conformado a partir da grilagem de terras públicas. Sobre este latifúndio improdutivo, os lavradores ergueram o Acampamento Tiago dos Santos, assim nomeado para homenagear um companheiro camponês que foi martirizado na luta antifeudal.

A campanha repressiva contra a LCP se intensificou a partir da data de 03 de outubro de 2020, quando foram executados policiais militares em uma área supostamente próxima ao acampamento. Os grandes meios de comunicação ligados aos latifundiários culparam imediatamente a LCP pelos assassinatos.

Dois dias depois, o grileiro Antônio Martins e seu irmão fizeram um pedido na Justiça estadual para despejar as famílias. A partir de 08 de outubro, a Polícia Militar iniciou a famigerada "Operação Ordo", mobilizando um batalhão de 300 policiais fortemente armados para atacar o acampamento e aplicar um verdadeiro bloqueio contra as famílias. Desde 10 de outubro, conduzem-se ataques contra as famílias, e abundam relatos de execuções e sequestros praticados não somente contra os camponeses que habitam o acampamento, mas também contra outras massas que apoiam a luta antifeudal.

As centenas de crianças do acampamento estão há muitos dias sem leite, e o bloqueio imposto pela polícia têm impedido a comercialização da safra e a entrada de mercadorias no local.

É absolutamente necessário que ataquemos Jair Bolsonaro e sua camarilha por incitar diretamente a violência contra os camponeses. Aparentemente, a família Bolsonaro parece estar também envolvida diretamente com a repressão: em 9 de outubro, Flávio Bolsonaro (filho de Jair Bolsonaro) visitou pessoalmente o distrito onde ocorre o bloqueio da polícia contra o acampamento.

Viva à luta antifeudal!

Abaixo a repressão reacionária contra a Liga dos Camponeses Pobres!

BAJULADORES CRIMINOSOS DO IMPERIALISMO IANQUE

Não se passa um mês sem que o regime de Bolsonaro e sua camarilha de safados façam demonstrações seguidas de bajulação ao imperialismo ianque às custas do suor e do sangue das massas brasileiras. Em 19 de setembro, o Ministro de Relações Exteriores brasileiro, Ernesto Araújo, recebeu no estado de Roraima, Norte brasileiro, o Secretário de Estado estadunidense, Mike Pompeo, que entre 17 e 20 de setembro de 2020 realizou uma "turnê" em países satélites latino-americanos (Colômbia, Suriname e Guiana), além do Brasil, para supostamente reforçar o compromisso do governo dos Estados Unidos em "defender a democracia" e "fortalecer a segurança contra as ameaças regionais" – leia-se: intensificar a ameaça de guerra imperialista contra a Venezuela às vésperas das eleições nos Estados Unidos.

Ernesto Araújo cumpriu seu devido papel de puxa-saco do imperialismo ianque e, ao lado de Pompeo, reafirmou abertamente reconhecer o "governo" de Juan Guaidó (?), e não o de Nicolas Maduro, como o representante legítimo do povo venezuelano, ainda que tenha sido este último que realmente foi eleito.

Neste meio tempo, entre 8 e 22 de setembro de 2020, o Exército reacionário brasileiro realizou um curioso exercício militar de simulação de guerra contra a Venezuela, durante o qual gastou R$ 6 milhões dos contribuintes brasileiros apenas em combustível, transporte e horas de voo. O Ministério da Defesa se recusou a informar os gastos totais com a operação.

Não bastasse torrar milhões de reais em um momento no qual os brasileiros estão passando fome e desempregados, e receber o Secretário de Estado ianque como um cachorro submisso, o governo federal resolveu se rebaixar mais ainda durante outubro.

Conforme sabemos, atualmente, quase todos os países se encontram na corrida para encontrar uma vacina para a Covid-19 para que possam imunizar definitivamente suas populações. Recentemente, a empresa farmacêutica chinesa Sinovac Biotech desenvolveu, em conjunto com o Instituto Butantã, brasileiro, uma vacina para a Covid-19. No dia 20 de outubro, o Ministro da Saúde, general Eduardo Pazuello, declarou que possuía a intenção de comprar mais de 40 milhões de doses da vacina. Porém, o ministro foi imediatamente desautorizado por Bolsonaro, que tem ameaçado se utilizar de sua autoridade para vetar a compra das vacinas por duas razões muito simples: 1) o reacionário governador de São Paulo, João Dória, se encontra em uma intensa disputa política com Bolsonaro, e conseguiu capitalizar para si o "mérito" do desenvolvimento da vacina. O veto à compra das doses da vacina seria uma forma de enfraquecer seu rival político; 2) a vacina foi produzida com a colaboração de uma empresa chinesa.

O psicopata Bolsonaro não hesita em arrastar mais brasileiros para o túmulo caso isso lhe traga benefícios político-eleitorais pessoais e o permita mostrar para o mundo, mais uma vez, o quão fantoche do imperialismo ianque ele realmente é. Alinha-se em favor dos Estados Unidos na contenção capitalista EUA-China, mesmo que isso signifique a morte de ainda mais brasileiros por uma pandemia que já matou de 155 mil de nossos compatriotas.

Depois de tudo isso, Bolsonaro apresenta para o povo brasileiro, em 19 de outubro, um "acordo comercial" entre Estados Unidos e Brasil, que "facilitará o comércio bilateral", como uma grande vitória sua. Deixamos a pergunta: o que este "acordo" poderia gerar para o Brasil senão ainda mais desemprego, em um momento no qual as exportações brasileiras para os EUA estão desabando por conta das medidas protecionistas de Trump?

STF aprova medida para acelerar privatização da indústria de petróleo e gás

Em 01 de outubro, o Supremo Tribunal Federal brasileiro tomou uma decisão segundo a qual, de agora em diante, será possível que o governo privatize empresas subsidiárias da grande estatal Petrobras ("Petróleo Brasileiro S.A.") sem a aprovação prévia do Congresso Nacional.

Tal decisão foi tomada após uma série de controvérsias jurídicas que impediam o governo de avançar na privatização de ativos da Petrobras. Recentemente, o governo anunciou a privatização de duas refinarias de petróleo, a Refinaria Landulpho Alves (RLAM), no estado da Bahia, e a Refinaria Presidente Getúlio Vargas, no estado do Paraná. Porém, as mesas diretoras do Câmara dos Deputados e do Senado Federal moveram uma ação contra o governo federal, acusando-o de passar por cima de decisões do Poder Legislativo. Portanto, após a decisão tomada pelo Supremo Tribunal Federal em 01 de outubro, fica escancarada esta posição pró-privatista.

Após tal decisão, o governo federal reacionário logrará não apenas entregar as mencionadas refinarias de petróleo nos estados da Bahia e Paraná, como também acelerará a privatização de muitos outros ativos, cuja venda estava parada em razão das mesmas controvérsias jurídicas. Assim, grandes empresas estatais subsidiárias, como a "Nova Transportadora do Sudeste (NTS S.A.)", que controla a maior rede de gasodutos do país, e a "BR Distribuidora", maior empresa de comercialização de combustíveis no mercado doméstico, serão entregues, respectivamente, para o capital imperialista canadense e para o mercado acionista privado.

A privatização da indústria de petróleo e gás tem caminhado a passos acelerados no Brasil desde o ano de 2013. Sua entrega para o capital estrangeiro demonstra a tendência que este possui de entravar a industrialização nos países semicoloniais. Uma vez entregues ao capital estrangeiro, fábricas e demais unidades produtivas são imediatamente fechadas ou desestruturadas.

Atualmente, o Brasil produz, por dia, cerca de 3 milhões de barris de petróleo, mas a capacidade instalada nacional de refino do petróleo é de apenas 2,4 milhões de barris de petróleo diários. Graças às privatizações, porém, as refinarias brasileiras estão operando com apenas 60% de sua capacidade, e mais de 1 milhão de barris de petróleo estão deixando de ser refinados localmente, levando ao aumento do desemprego e à maior vulnerabilidade do mercado doméstico às oscilações do dólar. Cerca de 20% da gasolina consumida no Brasil é importada, e estima-se que esta proporção atingirá cerca de 40% nos próximos meses, graças às medidas privatistas.

Quanto mais o Brasil se empobrece, mais aumentam os superlucros das corporações imperialistas.